

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

NOVEMBRO DE 1868

Nº 11

Epidemia da Ilha Maurício

Na Revista de julho de 1867 descrevemos a terrível doença que vem devastando a ilha Maurício (antiga Ilha de França) nos últimos dois anos. O último correio nos traz cartas de dois dos nossos irmãos em crença daquele país. Numa se encontra a seguinte passagem:

“Peço que me desculpeis por ter ficado tanto tempo sem vos dar as minhas notícias. Certamente não era o desejo que me faltava, mas antes a possibilidade; como o meu tempo é dividido em duas partes – uma para o trabalho que me faz viver, e a outra para a doença que nos mata – tenho muito poucos instantes para o empregar segundo meus gostos. Contudo, estou um tanto mais tranqüilo; há um mês que não tenho tido febre. É verdade que é nesta época que ela parece ceder um pouco, mas, aí é recuar para subir mais, porque os próximos calores sem dúvida lhe vão restituir o vigor inicial. Assim, bem convencida da certeza dessa perspectiva, vivo como posso, desligando-me tanto quanto possível das vaidades humanas, a fim de facilitar minha passagem ao mundo dos Espíritos, onde, francamente, de modo algum eu lamentaria me encontrar, em boas condições, bem entendido.”

Certo dia um incrédulo dizia, a propósito de uma pessoa que exprimia um pensamento análogo, a respeito da morte: “É preciso ser espírita para ter semelhantes idéias!” Sem o querer, fazia o mais belo elogio do Espiritismo. Não é um grande benefício a calma com a qual ele faz considerar o termo fatal da vida, que tanta gente vê aproximar-se com pavor? Quantas angústias e tormentos são poupados aos que encaram a morte como uma transformação de seu ser, uma transição instantânea, sem interrupção da vida espiritual! Esperam a partida com serenidade, por que sabem para onde vão e o que serão; o que lhes aumenta a tranqüilidade é a certeza não só de reencontrar os que lhes são caros, mas a de não ficarem separados dos que ficaram depois deles; de os ver e os ajudar mais facilmente e melhor do que quando vivos; não lamentam as alegrias deste mundo, porque sabem que terão outras maiores, mais suaves, sem mescla de tribulações. O que causa o temor da morte é o desconhecido. Ora, para os espíritos, a morte não tem mais mistérios.

A segunda carta contém o que segue:

“É com um sentimento de profunda gratidão que venho agradecer-vos os sólidos princípios que inculcastes em meu espírito e que, sozinhos, me deram a força e a coragem de aceitar com calma e resignação as rudes provas que venho sofrendo de um ano para cá, pelo fato da terrível epidemia que dizima a nossa população. Sessenta mil almas já partiram!

“Como deveis imaginar, a maior parte dos membros do nosso grupo de Port-Louis, que já começava a funcionar tão bem, teve, como eu, de sofrer nesse desastre geral. Por uma comunicação espontânea de 25 de julho de 1866, foi-nos anunciado que íamos ser obrigados a suspender os nossos trabalhos; três meses depois fomos forçados a descontinuá-los, em consequência da moléstia de vários de nós e a morte de nossos pais e amigos. Até este momento não pudemos recomeçar, embora todos os nossos médiuns estejam

vivos, bem como os principais membros do nosso grupo. Várias vezes tentamos reunir-nos novamente, mas não o conseguimos. Eis por que cada um de nós foi obrigado a tomar conhecimento isoladamente de vossa carta, datada de 26 de outubro de 1867, à senhora G..., na qual se encontra a comunicação do doutor Demeure, que nos dá grandes e muito justos ensinamentos sobre tudo quanto sucede conosco. Cada um de nós pôde apreciar a sua justeza, pelo que lhe concerne, porque é de notar que a doença tomou tantas formas múltiplas, que os médicos jamais puderam chegar a um acordo. Cada um seguiu um método particular.

“Entretanto, o jovem doutor Labonté parece ser o que melhor definiu a doença. Quero crer que esteja certo do ponto de vista material, pois passou por todos os sofrimentos de que se faz narrador⁵³. Em nosso ponto de vista espiritualista, poderíamos aí ver uma explicação do prefácio de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, porque o período nefasto que atravessamos foi marcado, no começo, por uma chuva extraordinária de estrelas cadentes, caída em Maurício na noite de 13 para 14 de novembro de 1866. Embora esse fenômeno fosse conhecido, por ter sido muito freqüente de setembro a novembro, em certas épocas periódicas, não é menos admirável que, desta vez, as estrelas cadentes foram tão numerosas que impressionaram e fizeram

53 O Sr. doutor Labonté descreveu a epidemia da ilha Saint-Maurice numa brochura que lemos com interesse, e na qual se revela observador sério e judicioso. É um homem devotado à sua arte, e tanto quanto se pode julgar de longe, por analogia, ele nos parece ter bem caracterizado essa singular doença, do ponto de vista fisiológico. Infelizmente, no que concerne à terapêutica, ela frustra todas as previsões da Ciência. Num caso excepcional, como esse, o insucesso nada prejudicaria contra o saber do médico. O Espiritismo abre à ciência médica, horizontes inteiramente novos, ao demonstrar o papel preponderante do elemento espiritual na economia e em grande número de afecções, nas quais a Medicina falha, porque se obstina em lhe buscar a causa somente na matéria tangível. O conhecimento da ação do perispírito sobre o organismo adicionará um novo ramo à patologia e modificará profundamente o modo de tratamento de certas doenças, cuja verdadeira causa não será mais um problema.

estremecer os que as observaram. Esse imponente espetáculo ficará gravado em nossa memória, porque foi precisamente depois desse acontecimento que a doença tomou um caráter lamentável. Desde esse momento, tornou-se geral e mortal, o que hoje nos pode autorizar a pensar, como diz o doutor Demeure, que chegamos ao período da transformação dos habitantes da Terra, por seu adiantamento moral.

“A propósito dos calmantes recomendados pelo doutor Demeure, falastes de castanhas-da-índia, cujo emprego seria mais vantajoso que o quinino, que afeta os órgãos cerebrais. Aqui não conhecemos esta planta; mas depois da leitura de vossa carta, onde se faz menção dela, o nome de uma outra planta me veio ao espírito por intuição: é o *Croton tiglium*, vulgarmente chamado em Maurício *pinhão-da-índia*. Empreguei-o como sudorífero, com muito sucesso, mas apenas as folhas, pois o grão é um veneno violento. Peço-vos por obséquio perguntar ao doutor Demeure o que ele pensa desta planta, e se aprova o emprego que dela fiz, como calmante, porque partilho completamente de sua opinião sobre o caráter desta doença bizarra, que me parece uma variante do ‘ramannenzaa’, ou febre de Madagáscar, salvo as manifestações exteriores.”

Se se pudesse duvidar, por um só instante, da vulgarização universal da Doutrina Espírita, a dúvida desapareceria vendo os que ela faz felizes, as consolações que proporciona, a força e a coragem que dá nos momentos mais penosos da vida, porque está na natureza do homem buscar o que possa garantir a sua felicidade e a sua tranqüilidade. Aí está o mais poderoso elemento de propagação do Espiritismo, e que ninguém lho tirará, a menos que dê mais do que ele dá. Para nós é uma grande satisfação ver os benefícios que ele espalha; cada aflito consolado, cada coragem abatida levantada, cada progresso moral operado nos paga ao cêntuplo as nossas penas e as nossas fadigas; eis ainda uma satisfação que ninguém tem o poder de nos tirar.

Lidas na Sociedade de Paris, estas cartas provocaram as seguintes comunicações, que tratam da questão do duplo ponto de vista local e geral, material e moral.

(Sociedade de Paris, 16 de outubro de 1860)

Em todos os tempos fizeram preceder os grandes cataclismos fisiológicos de sinais manifestos da cólera dos deuses. Fenômenos particulares precediam a irrupção do mal, como uma advertência para se preparar para o perigo. Com efeito, essas manifestações ocorreram não como um presságio sobrenatural, mas como sintomas da iminência da perturbação.

Como se teve razão para vos dizer, nas crises em aparência as mais anormais que, sucessivamente, dizimam as diferentes regiões do globo, nada é deixado ao acaso; elas são a consequência das influências dos mundos e dos elementos uns sobre os outros (outubro de 1868); elas são preparadas de longa data e sua causa é, por conseguinte, perfeitamente normal.

A saúde é o resultado do equilíbrio das forças naturais. Se uma doença epidêmica causa estragos num lugar qualquer, não pode ser senão a consequência de uma ruptura desse equilíbrio; daí o estado particular da atmosfera e os fenômenos singulares que aí podem ser observados.

Os meteoros conhecidos pelo nome de estrelas cadentes são compostos de elementos materiais, como tudo o que cai sob os nossos sentidos; não aparecem senão graças à fosforescência desses elementos em combustão, e cuja natureza especial por vezes desenvolve, no ar respirável, influências deletérias e morbíficas. As estrelas cadentes eram, para Maurício, não o presságio, mas a causa secundária do flagelo. Por que sua ação se exerceu em particular sobre aquela região? Primeiro porque, como disse muito bem o vosso correspondente, ela é um dos meios destinados a regenerar a Humanidade e a Terra

propriamente dita, provocando a partida de encarnados e a modificação dos elementos materiais; e, também, porque as causas que determinam essas espécies de epidemia em Madagáscar, no Senegal e por toda parte onde a febre palustre e a febre amarela exercem sua devastação, não existindo na Ilha Maurício, a violência e a persistência do mal deveriam determinar a pesquisa séria de sua fonte, e atrair a atenção sobre a parte que aí pudessem tomar as influências de ordem *psicológica*.

Os que sobreviveram, em contato forçado com os doentes e os moribundos, foram testemunhas de cenas que a princípio não se deram conta, mas cuja lembrança lhes voltará com a calma, e que não podem ser explicadas senão pela ciência espírita. Os casos de aparições, de comunicações com os mortos, de previsões seguidas de realização, aí têm sido muito comuns. Apaziguado o desastre, a memória de todos esses fatos surgirá e provocará reflexões que, pouco a pouco, levarão a aceitar as nossas crenças.

Maurício vai renascer! o ano novo verá extinguir-se o flagelo de que foi a vítima, não por efeito dos remédios, mas porque a causa terá produzido o seu efeito; outros climas, por sua vez, sofrerão a opressão de um mal da mesma natureza, ou de outra qualquer, determinando os mesmos desastres e conduzindo aos mesmos resultados.

Uma epidemia universal teria semeado o pânico na Humanidade inteira e por muito tempo detido a marcha de todo progresso; uma epidemia restrita, atacando sucessivamente e sob múltiplas formas, cada centro de civilização, produzirá os mesmos efeitos salutarres e regeneradores, mas deixará intactos os meios de ação de que a Ciência pode dispor. Os que morrem são feridos de impotência; mas os que vêem a morte à sua porta buscam novos meios de a combater. O perigo torna inventivo; e, quando todos os meios materiais estiverem esgotados, cada um será mesmo constrangido a pedir a salvação aos meios espirituais.

Sem dúvida é apavorante pensar em perigos dessa natureza, mas, já que são necessários e não terão senão salutares conseqüências, é preferível, em vez de os esperar tremendo, preparar-se para os afrontar sem medo, sejam quais forem os seus resultados. Para o materialista, é a morte horrível e o nada depois; para o espiritualista e, em particular, para o espírita, que importa o que acontecer! Se escapar ao perigo, a prova o encontrará sempre inabalável; se morrer, o que conhece da outra vida o fará encarar a passagem sem empalidecer.

Preparai-vos, pois, para tudo, e sejam quais forem a hora e a natureza do perigo, compenetrai-vos desta verdade: a morte não passa de uma palavra vã e não há nenhum sofrimento que as forças humanas não possam dominar. Aqueles a quem o mal for insuportável, serão os únicos que o terão recebido com o riso nos lábios e a indiferença no coração, isto é, que se julgarão fortes em sua incredulidade.

Clélie Duplantier

(Sociedade de Paris, 23 de outubro de 1868)

O *croton tiglium* certamente pode ser empregado com sucesso, sobretudo em doses homeopáticas, para acalmar as câibras e restabelecer a circulação normal do fluido nervoso; pode-se também usá-lo localmente, friccionando a pele com uma infusão leve, mas não seria prudente generalizar o seu uso. Não é aqui um medicamento aplicável a todos os doentes, nem a todas as fases da doença. Caso fosse de uso público, só deveria ser aplicado por indicação de pessoas que pudessem constatar a sua utilidade e lhe apreciar os efeitos; de outro modo, aquele que já tivesse experimentado a sua ação salutar, poderia, num dado caso, a ele ser completamente insensível, ou mesmo experimentar os seus inconvenientes. Não é um desses medicamentos neutros, que não

fazem qualquer mal, quando não produzem o bem. Só deve ser empregado em casos especiais, e sob a direção de pessoas que possuam conhecimentos suficientes para dirigir a sua ação.

Aliás, espero que não seja necessário experimentar a sua eficácia, e que um período mais calmo se prepara para os infelizes habitantes de Maurício. Não é verdade que já estejam livres, mas, salvo exceção, em geral os ataques não são mortais, a menos que incidentes de outra natureza venham dar-lhes um caráter de gravidade particular. Em si mesma a doença toca o fim. A ilha entra no período de convalescença; pode haver algumas pequenas recrudescências, mas tenho razões para crer que a epidemia irá, de agora em diante, diminuindo até a completa extinção dos sintomas que a caracterizam.

Mas qual será a sua influência sobre os habitantes de Maurício que tiverem sobrevivido ao desastre? Que conseqüências deduzirão das manifestações de toda natureza, de que foram testemunhas involuntárias? As aparições, de que um grande número foi objeto, produzirão o efeito que delas se tem o direito de esperar? As resoluções tomadas sob o império do medo, do remorso e das censuras de uma consciência perturbada, não serão reduzidas a nada, quando voltar a tranqüilidade?

Seria desejável que a lembrança dessas cenas lúgubres se gravasse de maneira indelével em seus espíritos, e os obrigasse a modificar a sua conduta, retificando suas crenças; porque devem estar bem persuadidos de que o equilíbrio não se restabelecerá de maneira completa senão quando os Espíritos estiverem tão despojados de sua iniquidade que a atmosfera seja purificada dos miasmas deletérios que provocaram o nascimento e o desenvolvimento do mal.

Entramos cada vez mais no período transitório, que deve levar à transformação orgânica da Terra e à regeneração de

seus habitantes. Os flagelos são os instrumentos de que se serve o grande cirurgião do Universo para extirpar, do mundo, destinado a marchar para frente, os elementos gangrenados que nele provocam desordens incompatíveis como o seu novo estado. Cada órgão, ou melhor dizendo, cada região será, sucessivamente, dissecada por flagelos de diversas naturezas. Aqui, a epidemia sob todas as suas formas; ali, a guerra, a fome. Cada um deve, pois, preparar-se para suportar a prova nas melhores condições possíveis, melhorando-se e se instruindo, a fim de não ser surpreendido de improviso. Algumas regiões já foram provadas, mas seus habitantes se equivocariam redondamente se se fiassem na era de calma, que vai suceder à tempestade, para recaírem nos seus antigos erros. É uma pequena trégua que lhes é concedida, para entrarem num caminho melhor; se não o aproveitarem, o instrumento de morte os experimentará até os trazer ao arrependimento. Bem-aventurados aqueles a quem a prova feriu de começo, porque terão, para se instruírem, não só os males que sofreram, mas o espetáculo daqueles seus irmãos em humanidade, que por sua vez serão feridos. Esperamos que um tal exemplo lhes seja salutar, e que entrem, sem hesitar, na via nova, que lhes permitirá marchar de acordo com o progresso.

Seria desejável que os habitantes de Maurício não fossem os últimos a tirar proveito da severa lição que receberam.

Doutor Demeure

O Espiritismo em Toda Parte

A AMIZADE APÓS A MORTE

(Pela Sra. Rowe)

Nada é mais instrutivo e, ao mesmo tempo, mais concludente em favor do Espiritismo, do que ver as idéias sobre as

quais ele se apóia, professadas por pessoas estranhas à Doutrina, e antes mesmo do seu aparecimento. Um dos nossos correspondentes de Antuérpia, que já nos transmitiu preciosos documentos a tal respeito, manda-nos o seguinte extrato de uma obra inglesa, cuja tradução, feita da 5ª edição, foi publicada em Amsterdã, em 1753. Talvez jamais os princípios do Espiritismo tenham sido formulados com tanta precisão. É intitulado: *A amizade após a morte, contendo as cartas dos mortos aos vivos. Pela senhora Rowe.*

Página 7 – Os Espíritos bem-aventurados ainda se interessam pela felicidade dos mortais, e *fazem freqüentes visitas aos seus amigos*. Poderiam até aparecer aos seus olhos, se as leis do mundo material não lhes impedissem. O esplendor de seus *veículos*⁵⁴ e o domínio que exercem sobre as forças que governam as coisas materiais e sobre os órgãos da visão poderiam facilmente lhes servir para se tornarem visíveis. Muitas vezes olhamos como uma espécie de milagre que não percebemos, porque não estamos afastados de vós em relação ao lugar que ocupamos, mas somente pela diferença de estado em que nos encontramos.

Página 12, *carta III – De um filho único, morto aos dois anos, à sua mãe.* – Desde o momento em que minha alma foi libertada de sua incômoda prisão, achei-me um ser ativo e racional. Admirado por vos ver chorar por uma pequena massa, apenas capaz de respirar, que eu acabava de deixar, e estava muito satisfeito por dela me ter desembaraçado, pareceu-me que estivésseis desgostosa pela minha feliz libertação. Encontrei uma tão justa proporção, tanta agilidade e uma luz tão brilhante no novo veículo que acompanhava o meu Espírito, que não podia admirar-me bastante que vos afligísseis com a feliz troca que eu fizera. Então eu conhecia tão pouco a diferença dos corpos materiais e imateriais, que me imaginava ser tão visível para vós quanto éreis para mim.

54 Ver-se-á mais na frente que o autor entende por *veículo* o corpo fluídico.

Página 37, *carta VIII* – Os gênios celestes que cuidam de vós nada negligenciam durante o vosso sono, para extirpar do vosso coração esse ímpio desígnio. Algumas vezes vos conduziram a lugares cobertos por uma sombra lúgubre; ali ouvistes as imprecações amargas dos Espíritos infortunados. Outras vezes, as recompensas da constância e da resignação descortinaram aos vossos olhos a glória que vos espera, se, fiel ao vosso dever, vos ligardes pacientemente à virtude.

Página 50, *carta X* – Como, minha cara Leonora, pudestes ter medo de mim? Quando eu era mortal, isto é, capaz de loucura e de erro, jamais vos fiz mal; muito menos vo-lo farei no estado de perfeição e de felicidade em que estou. Não resta a menor mancha de vício ou de malícia nos Espíritos virtuosos; quando estes rompem a sua prisão terrestre, tudo neles é amável e benfazejo; o interesse que tomam pela felicidade dos mortais é infinitamente mais terno e mais puro que antes.

O pavor que no mundo geralmente sentem por nós parece incrível, se não nos lembrássemos de nossas loucuras e de nossos preconceitos; mas não fazemos senão gracejar de vossos ridículos temores. Não teríeis mais razão de vos assustar e de fugir uns dos outros, do que nos temer, logo a nós que nem temos o poder nem a vontade de vos inquietar? Enquanto desconheceis os vossos benfeitores, nós trabalhamos para desviar mil perigos que vos ameaçam e em adiantar os vossos interesses com o mais generoso ardor. Se os vossos órgãos fossem aperfeiçoados e se vossas percepções tivessem adquirido o alto grau de delicadeza a que chegarão um dia, então saberíeis que os Espíritos etéreos, ornados com uma flor de divina beleza e uma vida imortal, não são feitos para produzir em vós o terror, mas o amor e os prazeres. Quisera vos curar de vossas injustas prevenções, reconciliando-vos com a sociedade dos Espíritos, a fim de estar em melhores condições de vos advertir dos perigos e dos riscos que ameaçam a vossa juventude.

Página 54, *carta XI* – Vosso restabelecimento surpreende os próprios anjos que, se ignoram os diversos limites que o soberano dispensador impôs à vida humana, muitas vezes não deixam de fazer justas conjecturas sobre o curso das causas secundárias e sobre o período da vida dos humanos.

Página 68, *carta XIV* – Desde que deixei o mundo, muitas vezes tive a felicidade de tomar o lugar do vosso anjo-da-guarda. Testemunha invisível das lágrimas que a minha morte vos fez derramar, enfim me foi permitido abrandar as vossas dores, informando-vos que sou feliz.

Página 73, *carta XVI* – Como os seres imateriais, sem ser percebidos, podem misturar-se em vossa companhia, na noite passada tive a curiosidade de descobrir vossos pensamentos sobre o que vos tinha acontecido na noite anterior. Para tanto, achei-me em meio àquela assembléia em que estáveis. Ali, ouvi que brincáveis com alguns de vossos amigos familiares sobre o poder da prevenção e a força de vossa imaginação. Entretanto, milorde, não sois tão visionário e tão extravagante quanto vos dizeis. Nada de mais real do que o que vistes e ouvistes, e deveis acreditar nos vossos sentidos, do contrário fareis degenerar em vício a vossa desconfiança e a vossa modéstia. Não tendes mais, meu caro irmão, senão algumas semanas de vida; vossos dias estão contados. Tive a permissão, o que acontece raramente, de vos dar algum aviso sobre o vosso destino, que se aproxima. Sei que vossa vida não foi manchada por nenhuma ação baixa ou injusta; entretanto, aparecem nos vossos costumes certas leviandades que reclamam de vossa parte uma pronta e sincera reforma. Faltas que a princípio parecem uma bagatela, degeneram em crimes enormes.

Epístola dedicatória, página 27 – A Terra que habitais seria uma morada deliciosa se todos os homens, cheios de estima pela virtude, praticassem fielmente as suas santas máximas. Julgai, pois, o excesso de nossa felicidade, pois que, ao mesmo tempo que

aproveitamos todas as vantagens de uma virtude generosa e perfeita, sentimos prazeres tanto mais acima dos de que gozais, quanto o Céu o é da Terra, o tempo da eternidade e o finito do infinito. Os mundanos são incapazes de fruir dessas delícias. Que gosto encontraria, em nossas augustas assembléias, um voluptuoso? O vinho e a carne daí são banidos, o invejoso aí seria consumido pela dor ao contemplar a nossa felicidade; o avarento aí não encontraria riquezas; o jogador ocioso se aborreceria mortalmente por não mais encontrar o meio de matar o tempo. Como uma alma interessada poderia achar prazer na amizade terna e sincera, que se pode encarar como uma das principais vantagens que possuímos no Céu? é a verdadeira morada da amizade.

O tradutor diz, em seu prefácio, à pagina 7:

“Espero que a leitura de seu livro possa reconduzir à religião cristã uma certa ordem de criaturas, cujo número é muito grande neste reino, que, sem consideração aos princípios da religião natural e revelada, tratam a imortalidade da alma como pura quimera. É para estabelecer a certeza desta imortalidade que nosso autor se empenha principalmente.”

Página 9 – “Não era propriamente para os filósofos incrédulos que ela escrevia; era, como dissemos, para uma certa classe de criaturas, muito numerosas na alta sociedade, que, ocupadas inteiramente com os divertimentos frívolos do século, acharam *a arte funesta de esquecer a imortalidade da alma, de se atordoar com as verdades da fé, e afastar de seu espírito idéias tão consoladoras*. Bastava-lhe, pois, para realizar esse desígnio, inventar espécies de fábulas e de apólogos cheios de traços vivos, etc.”

Observação – Parece que o tradutor não acredita na comunicação dos Espíritos, já que pensa que os relatos da senhora Rowe são fábulas ou apólogos inventados pela autora, em apoio à sua tese. Entretanto, ele achou o livro tão útil que o julga capaz de

reconduzir os incrédulos à fé na imortalidade da alma. Mas há aí uma singular contradição, porquanto, para provar que uma coisa existe, é preciso mostrar a sua realidade, e não a sua ficção. Ora, é precisamente o abuso das ficções que destruiu a fé nos incrédulos. Diz o simples bom-senso que não é com um romance da imortalidade, por mais engenhoso que seja, que se provará a imortalidade. Se, em nossos dias, as manifestações dos Espíritos combatem a incredulidade com tanto sucesso, é porque elas são uma realidade.

Segundo a perfeita concordância de forma e de fundo, que existe entre as idéias desenvolvidas no livro da senhora Rowe e o atual ensino dos Espíritos, não se pode duvidar que o que ela escreveu seja produto de comunicações reais.

Como é que um livro tão singular, susceptível de excitar a curiosidade no mais alto grau, bastante difundido, pois chegara à sua quinta edição e foi traduzido, tenha produzido tão pouca sensação, e que uma idéia tão consoladora, tão racional e tão fecunda em resultados tenha ficado no estado de letra morta, ao passo que, em nossos dias, bastaram alguns anos para que ela desse a volta ao mundo? Poder-se-ia dizer outro tanto de uma porção de invenções e de descobertas preciosas, que caem no esquecimento à sua aparição, e florescem alguns séculos mais tarde, quando a sua necessidade se faz sentir. É a confirmação deste princípio: as melhores idéias abortam, quando vêm prematuramente, antes que os espíritos estejam maduros para as aceitar.

Temos dito muitas vezes que se o Espiritismo tivesse vindo um século mais cedo, não teria tido nenhum sucesso; eis a prova evidente disto, porque esse livro é, seguramente, do mais puro e do mais profundo Espiritismo. Para que se pudesse compreendê-lo e apreciá-lo, seriam necessárias as crises morais, pelas quais passou o espírito humano neste último século, e que lhe ensinaram a discutir suas crenças; mas era preciso, também, que o

niilismo, sob suas diferentes formas, como transição entre a fé cega e a fé raciocinada, provasse a sua impotência em satisfazer as necessidades sociais e as legítimas aspirações da Humanidade. A rápida propagação do Espiritismo em nossa época prova que ele veio em seu tempo.

Se ainda hoje se vêem pessoas que têm sob os olhos todas as provas, materiais e morais, da realidade dos fatos espíritas, e que, a despeito disto, se recusam à evidência e ao raciocínio, com mais forte razão deviam ser muito mais encontradas há um século. É que seu espírito ainda é impróprio para assimilar esta ordem de idéias; elas vêem, ouvem e não compreendem, o que não denota falta de inteligência, mas falta de aptidão especial; são como as pessoas a quem, embora muito inteligentes, falta o senso musical para compreender e sentir as belezas da música. É o que se deve entender quando se diz que sua hora ainda não chegou.

A CABANA DO PAI TOMÁS

(Pela Sra. Beecher-Stowe)

Lê-se o seguinte no segundo volume dessa obra, que teve um sucesso popular nos dois mundos:

Página 10 – Meu pai era um aristocrata. Creio que, em *alguma existência anterior*, ele devia ter pertencido às classes da mais elevada ordem social, e que tinha trazido consigo, na atual, todo o orgulho de sua antiga casta; porque esse orgulho lhe era inerente, estava na medula de seus ossos, embora fosse de uma família pobre e plebéia.

Página 128 – Evidentemente as palavras que ele tinha cantado nessa tarde lhe atravessavam o espírito, palavras de súplica, dirigidas à infinita misericórdia. Seus lábios moviam-se fracamente e, em raros intervalos, escapava-se uma palavra. – Seu espírito divaga, diz o médico. – Não, ele volta a si, diz Saint-Claire com energia.

Esse esforço o esgotou. A palidez da morte espalhou-se em seu rosto, mas com ela uma admirável expressão de paz, como se algum Espírito misericordioso o tivesse abrigado sob suas asas. Parecia uma criança que adormece de fadiga.

Ficou assim alguns instantes; uma mão todo-poderosa repousava sobre ele. Mas, no momento em que o Espírito ia levantar seu vôo, abriu os olhos, iluminado por um clarão de alegria, como se reconhecesse um ser amado, e murmurou baixinho: “Minha mãe!”... sua alma se tinha evolado!

Página 200 – Oh! como ousa a alma perversa penetrar neste mundo tenebroso do sono, cujos limites incertos se avizinham tanto das cenas apavorantes e misteriosas da retribuição!

Observação – É impossível exprimir mais claramente a idéia da reencarnação, da origem de nossas inclinações e da expiação sofrida nas existências posteriores, pois é dito que aquele que foi rico e poderoso pode renascer na pobreza. É notável que esta obra tenha sido publicada nos Estados Unidos, onde o princípio da pluralidade das existências terrestres há muito tempo foi repellido. Ela apareceu em 1850, na época das primeiras manifestações espíritas, quando a doutrina da reencarnação ainda não havia sido proclamada na Europa. A Sra. Beecher-Stowe então a havia colhido em sua própria intuição; aí via a única razão plausível das aptidões e das propensões inatas.

O segundo fragmento citado é bem o retrato da alma que entrevê o mundo dos Espíritos no momento de sua libertação.

O Pecado Original Segundo o Judaísmo⁵⁵

Deve ser interessante, para os que o ignoram, conhecer a doutrina dos judeus relativa ao pecado original. Tiramos a

55 *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

explicação seguinte do jornal israelita *La Famille de Jacob*, que se publica em Avignon, sob a direção do grande rabino Benjamin Massé; número de julho de 1868.

“O dogma do pecado original está longe de se achar no número dos princípios do judaísmo. A lenda profunda que relata o Talmude (Nida XXX, 2) e que representa os anjos, fazendo a alma humana, no momento em que vai encarnar num corpo terrestre, prestar o juramento de se manter pura durante sua estada neste planeta, a fim de retornar pura ao Criador, é uma poética afirmação de nossa inocência nativa e de nossa independência moral da falta de nossos primeiros pais. Esta afirmação, contida em nossos livros tradicionais, é conforme ao verdadeiro espírito do judaísmo.

“Para definir o dogma do pecado original, bastar-nos-á dizer que se toma ao pé da letra o relato da Gênese, cujo caráter lendário se desconhece, e que, partindo desse ponto de vista falso, aceitam-se cegamente todas as conseqüências daí decorrentes, sem se preocupar com a sua incompatibilidade com a natureza humana e com os atributos necessários e eternos que a razão confere à natureza divina.

“Escravos da letra, afirmam que a primeira mulher foi seduzida pela serpente, que comeu um fruto proibido por Deus, que fez o seu esposo comê-lo, e que, por esse ato de revolta aberta contra a vontade divina, o primeiro homem e a primeira mulher incorreram na maldição do céu, não só para si, mas para os seus filhos, para a sua raça, para a Humanidade inteira, para a Humanidade cúmplice, seja qual for a distância no tempo em que se encontre dos culpados, cúmplice de seu crime, do qual é, por conseqüência, responsável em todos os seus membros presentes e futuros.

“Segundo essa doutrina, a queda e a condenação de nossos primeiros pais foram uma queda e uma condenação para a

sua posteridade; daí, para o gênero humano, males inumeráveis, que teriam sido sem-fim, sem a mediação de um Redentor, tão incompreensível quanto o crime e a condenação para o qual foi convocado. Assim como o pecado de um só foi cometido por todos, a expiação de um só será a expiação de todos; perdida por um só, a Humanidade será salva por um só. A redenção é a consequência inevitável do pecado original.

“Compreende-se que não discutamos essas premissas com suas consequências, que para nós não são mais aceitáveis, do ponto de vista dogmático, do que do ponto de vista moral.

“Nossa razão e nossa consciência jamais se acomodarão com uma doutrina que apaga a personalidade humana e a justiça divina, e que, para explicar as suas pretensões, nos faz viver todos juntos na alma como no corpo do primeiro homem, ensinando-nos que, por mais numerosos que sejamos no curso das idades, fazemos parte de Adão em espírito e em matéria, que participamos de seu crime e que devemos ter nossa parte na sua condenação.

“O sentimento profundo de nossa liberdade moral se recusa a essa assimilação fatal, que tiraria a nossa iniciativa, que nos acorrentaria, mau grado nosso, num pecado distante, misterioso, do qual não temos consciência, e que nos faria sofrer um castigo ineficaz, pois que, aos nossos olhos, não seria merecido.

“A idéia indefectível e universal que temos da justiça do Criador, se recusa ainda mais energicamente a crer no comprometimento, pela falta de um só, dos seres livres criados sucessivamente por Deus na sucessão dos séculos.

“Se Adão e Eva pecaram, só a eles cabe a responsabilidade de seu erro; só a eles a degradação, a expiação, a redenção por meio de seus esforços pessoais para reconquistar a

sua nobreza. Mas nós, que viemos após eles, que, como eles, fomos objeto de um ato idêntico da parte do poder criador, e que devemos, a esse título, ter um preço igual ao de nosso primeiro pai aos olhos do nosso Criador, nascemos com a nossa pureza e a nossa inocência, de que somos os únicos donos, os únicos depositários, e cuja perda ou conservação não dependem absolutamente senão de nossa vontade e das determinações do nosso livre-arbítrio.

“Tal é, sobre esse ponto, a doutrina do judaísmo, que nada poderia admitir que não fosse conforme à nossa consciência esclarecida pela razão.

B. M.

Os Lazeres de um Espírita no Deserto

Reproduzimos sem comentários as passagens seguintes, de uma carta que, em março último, nos escreveu um dos nossos correspondentes, capitão do exército na África.

“O Espiritismo se espalha no norte da África e ganhará o centro, se os franceses para ali se dirigirem. Ei-lo que penetra em Laghouat, nas bordas do Saara, a 33 graus de latitude. Emprestei os vossos livros; alguns de meus camaradas os leram; discutimos e a força e a razão ficaram com a doutrina.

“Desde alguns anos entrego-me ao estudo da Anatomia, da Fisiologia e da Psicologia comparadas. A mesma corrente de idéias arrastou-me para o estudo dos animais. Pude dar-me conta, pela observação, de que todos os órgãos, todos os aparelhos se simplificam, quando descem para as raças e espécies inferiores. Como a Natureza é bela para estudar! Como se sente o espírito espalhado por toda parte! Algumas vezes passo longas horas a

seguir os hábitos e os movimentos da vida dos insetos e dos répteis desta região; assisto às suas lutas, aos seus esforços, às suas astúcias para assegurarem a sua existência; contemplo a batalha das espécies. O Saara, em cujas bordas estamos acampados há mais de um ano, tão deserto para os meus camaradas, parece-me, ao contrário, muito povoado; onde eles encontram o exílio, eu encontro a liberdade! É que sei que Deus está em toda parte e que cada um tem a felicidade em si mesmo. Quer eu esteja no pólo ou no equador, meus amigos do espaço me seguirão e sei que os caros invisíveis podem povoar as mais tristes solidões. Não que eu desdenhe a sociedade de meus semelhantes, nem que seja indiferente às afeições que conservei na França, oh não! porque me tarda rever e abraçar a minha família e todos os que me são caros; mas é somente para testemunhar que se pode ser feliz em qualquer ponto do globo em que se encontre, quando se toma Deus por guia. Para o espírita jamais há isolamento; ele sabe e se sente constantemente rodeado de seres benevolentes, com os quais está em comunhão de pensamentos.

“Vossa última obra *A Gênese*, que acabo de reler, e sobre diversos capítulos da qual me detive particularmente, desvenda-nos os mistérios da Criação e desfere um terrível golpe nos preconceitos. Essa leitura fez-me imenso bem e me abriu novos horizontes. Eu já compreendia a nossa origem e via em meu corpo material o último elo da animalidade na Terra; sabia que o espírito, durante sua gestação corporal, toma uma parte ativa na construção do seu ninho e apropria o seu invólucro às suas novas necessidades. Esta teoria da origem do homem poderá parecer, aos orgulhosos, atentatória à grandeza e à dignidade humanas, mas será aceita no futuro graças à sua simplicidade e à sua empolgante amplitude.

“Com efeito, a Geologia nos faz ler no grande livro da Natureza. Por ela, achamos que as espécies de hoje teriam por avós

as espécies cujos restos se encontram nas camadas terrestres; não se pode mais negar que há uma progressão contínua no desenvolvimento das formas orgânicas, quando vemos aparecer primeiro os tipos mais simples. Esses tipos foram modificados pelos instintos dos próprios animais, providos de órgãos apropriados às suas novas necessidades e ao seu desenvolvimento. Aliás, a Natureza muda os tipos quando a necessidade se faz sentir; a vida multiplica gradualmente seus órgãos e os especializa. As espécies saem umas das outras, sem que seja necessária a intervenção miraculosa. Adão não saiu armado com todas as peças das mãos do Criador: muito certamente um chimpanzé o deu à luz.

As espécies não são absolutamente independentes umas das outras; elas se ligam por uma filiação secreta e pode-se mesmo considerá-las solidárias até a Humanidade. Como dissesstes muito judiciosamente, desde o zoófito até o homem, há uma cadeia na qual todos os elos têm um ponto de contato com o elo precedente. E assim como o Espírito sobe e não pode ficar estacionário, assim também o instinto do animal progride, e cada encarnação faz que transponha um degrau na escala dos seres. As fases dessas metamorfoses se completam por milhares de elos, e as formas rudimentares, das quais algumas amostras se encontram nos terrenos silurianos, nos dizem por onde passou a animalidade.

“Não mais deve haver véu entre a Natureza e o homem, e nada deve ficar oculto. A Terra é o nosso domínio, cabendo a nós estudar as suas leis; a ignorância e a preguiça é que criaram os mistérios. Quanto Deus nos parece maior na harmonia e na unidade de suas leis!

“Lamento sinceramente as pessoas que se aborrecem, porque é uma prova de que não pensam em ninguém, e que seu espírito está vazio como o estômago do indivíduo que tem fome.”

Fenômeno de Lingüística

“O *Quarterly Journal of Psychological Medicine* publica um relatório muito curioso sobre uma menina que substituiu a língua falada em seu redor por uma série de nomes e verbos, formando todo um idioma, do qual se serve e que não se consegue desacostumá-la.

“A criança tem agora quase cinco anos. Até a idade de três anos ficou sem falar e não sabia pronunciar senão as palavras ‘papá’ e ‘mamã’. Quando se aproximou dos quatro anos, sua língua se desatou de repente, e hoje fala com toda a facilidade e a volubilidade de sua idade. Mas de tudo quanto diz, só as duas palavras ‘papá’ e ‘mamã’, que aprendeu primeiro, foram tiradas da língua inglesa. Todas as outras brotaram de seu pequeno cérebro e de seus lábios, e não têm mesmo nenhuma relação com esta corruptela de palavras de que se servem as crianças que com ela brincam habitualmente.

“Em seu dicionário, *Gaan* significa *God* (Deus); *migno-migno*, water (água); *odo*, to send for, *ou* take away (mandar, retirar), conforme é colocada; *gar*, horse (cavalo).

“Um dia, diz o Dr. Hum, começou a chover. Fizeram a menina entrar e lhe proibiram de sair enquanto a chuva não cessasse. Ela postou-se à janela e disse:

“– *Gaan odo migno-migno*, feu odo. (Deus, retire a chuva; traga o fogo do sol).

“A palavra *feu* aplicada no mesmo sentido que na língua a que pertenco me chocou. Soube que a criança jamais tinha ouvido falar francês, coisa muito singular, e que seria interessante constatar bem, porque a criança havia tomado diversas palavras à língua francesa, tais como ‘tout’, ‘moi’ e a negação ‘ne... pas.’

“A menina tem um irmão, cerca de dezoito meses mais velho que ela. Ela lhe ensinou a sua língua, sem tomar nenhuma das palavras de que ele se serve.

“Seus pais estão muito desolados com esse pequeno fenômeno; muitas vezes tentaram ensinar-lhe inglês, dar-lhe o nome inglês das coisas que ela designa de outro modo em seu idioma: a isso ela se recusa terminantemente. Tentaram afastá-la das crianças de sua idade e de só colocá-la em contato com pessoas idosas, falando inglês e nada conhecendo de seu pequeno jargão. Era de esperar que uma criança que se mostrava tão ávida por comunicar seus pensamentos quanto por inventar uma língua nova, procurasse aprender o inglês quando se achasse entre pessoas que só falavam essa língua. Mas não deu resultado.

“Tão logo se acha com pessoas que não tem o hábito de ver, põe-se a lhes ensinar a sua língua e, ao menos momentaneamente, os pais renunciaram a tirar-lhe esse hábito.”

Tendo sido o fato discutido na *Sociedade Espírita de Paris*, um Espírito deu a sua explicação na comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 9 de outubro de 1868 – Médiun: Sr. Nivard)

O fenômeno da pequena inglesa, falando uma língua desconhecida para os que a rodeiam, e se recusando a servir-se da deles, é o fato mais extraordinário que se produziu desde muitos séculos.

Fatos surpreendentes ocorreram em todos os tempos, em todas as épocas, que causaram admiração aos homens, mas tinham semelhantes ou similares. Certamente isto não os explica, mas eram vistos com menos surpresa. Este de que tratamos é, talvez, o único em seu gênero. A explicação que se lhe pode dar não é mais fácil nem mais difícil que as outras, mas sua singularidade é impressionante: eis o essencial.

Eu disse impressionante; não é bem a causa, mas a razão do fenômeno. Ele choca de espanto: é por isto que se produziu. Hoje que o progresso faz um certo caminho, não se contentarão em falar do fato, como se fala da chuva e do bom tempo; querem lhe procurar a causa. Os médicos nada têm a ver com isto; a fisiologia é estranha a essa singularidade; se a criança fosse muda, ou não pudesse articular algumas palavras senão com dificuldade, que não seriam compreendidas devido à insuficiência de seus órgãos vocais, os sábios diriam que isto decorre das más disposições fisiológicas, e que, fazendo desaparecer essas más disposições, deixariam à criança o livre uso da palavra. Mas tal não é o caso aqui; a criança, ao contrário, é loquaz, tagarela, fala facilmente, chama as coisas à sua maneira, exprime-as do modo que lhe convém e vai mais longe: ensina sua língua às suas camaradas, quando está provado que não lhe podem ensinar sua língua materna e que não quer mesmo a isto se sujeitar.

A Psicologia é, pois, a única ciência na qual se deve buscar a explicação desse fato. A razão, o fim especial, eu acabo de dizer: era preciso impressionar os Espíritos e provocar suas pesquisas. Quanto à causa, tentarei vo-la dizer.

O Espírito encarnado no corpo dessa menina conheceu a língua, ou melhor, as línguas de que fala, pois faz uma mistura. Essa mistura, contudo, é feita conscientemente e constitui uma língua, cujas diversas expressões são tomadas das que esse Espírito conheceu em outras encarnações. Em sua última existência ele tivera a idéia de criar uma língua universal, a fim de permitir aos homens de todas as nações entender-se e assim aumentar a facilidade das relações e o progresso humano. Para tanto, ele tinha começado a compor esse língua, que se constituía de fragmentos de várias das que conhecia e mais gostava. A língua inglesa lhe era desconhecida; tinha ouvido ingleses falar, mas achava sua língua desagradável e a detestava. Uma vez na erraticidade, o objetivo que se tinha proposto em vida aí continuou; pôs-se à tarefa e compôs

um vocabulário que lhe é particular. Encarnou-se entre os ingleses, com o desprezo que tinha por sua língua, e com a firme determinação de não a falar. Tomou posse de um corpo, cujo organismo flexível lhe permite manter a palavra. Os laços que o prendem a esse corpo são bastante elásticos para o manter num estado de semidesprendimento, que lhe deixa a lembrança bastante distinta de seu passado e o sustenta em sua resolução. Por outro lado, é ajudado por seu guia espiritual, que vela para que o fenômeno se produza com regularidade e perseverança, a fim de chamar a atenção dos homens. Aliás, o Espírito encarnado estava consentindo na produção do fato. Ao mesmo tempo que exhibe o desprazer pela língua inglesa, cumpre a missão de provocar as pesquisas psicológicas.

L. Nivard, pai

Observação – Se esta explicação não pode ser demonstrada, pelo menos tem a seu favor a racionalidade e a probabilidade. Um inglês, que não admite o princípio da pluralidade das existências, e que não tinha conhecimento da comunicação acima, arrastado pela lógica irresistível, disse, falando desse caso, que ele não poderia explicar-se senão pela reencarnação, se fosse certo que a gente poderia reviver na Terra.

Eis, pois um fenômeno que, por sua própria estranheza, cativando a atenção, provoca a idéia da reencarnação, como a única razão plausível que se lhe possa dar. Antes que este princípio estivesse na ordem do dia, ter-se-ia simplesmente achado o fato bizarro e, sem dúvida, em tempos mais recuados, teriam olhado essa menina como enfeitada. Nós nem mesmo afirmaríamos que hoje não fosse esta a opinião de certas pessoas. O que não é menos digno de nota é que este fato se produz precisamente num país ainda refratário à idéia da reencarnação, mas à qual será arrastado pela força das coisas.

Música do Espaço

Trecho de uma carta de um jovem a um de seus amigos, guarda de Paris:

“Mulhouse, 27 de março de 1868.

“Há cerca de cinco anos – então eu não tinha mais que dezoito anos e ignorava até o nome do Espiritismo – fui testemunha e objeto de um estranho fenômeno, do qual só me dei conta há alguns meses, depois de ter lido *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. Esse fenômeno consistia numa música invisível, que se fazia ouvir no meio ambiente do quarto, e acompanhava o meu violino, no qual tomava lições naquela época. Não era uma sucessão de sons, como os que eu produzia no meu instrumento, mas acordes perfeitos, cuja harmonia era comovente; dir-se-ia uma harpa tocada com delicadeza e sentimento. Algumas vezes éramos umas doze pessoas reunidas, e todos a ouvíamos sem exceção; mas se alguém vinha escutar por mera curiosidade, tudo cessava, e desde que o curioso partia, o efeito se reproduzia imediatamente. Lembro-me de que o recolhimento contribuía muito para a intensidade dos sons. O que havia de singular é que isto só acontecia entre cinco e oito horas da noite. Entretanto, um domingo, um órgão da Barbária passava diante da casa, cerca de uma hora da tarde, e tocava uma ária que me deixou atento; logo a música invisível se fez ouvir no quarto, acompanhando aquela ária.

“Nesses momentos eu experimentava uma agitação nervosa, que fatigava sensivelmente e até me fazia sofrer; era como uma espécie de inquietude; ao mesmo tempo, todo o meu corpo irradiava um calor, que era sentido a cerca de dez centímetros.

“Depois que li *O Livro dos Médiuns*, tentei escrever; uma força quase irresistível levava minha mão da esquerda para a direita num movimento febril, acompanhado de grande agitação nervosa; mas ainda não tracei senão caracteres ininteligíveis.”

Tendo-nos sido comunicada esta carta, escrevemos ao rapaz para lhe pedir algumas explicações complementares. Eis as respostas às perguntas que lhe dirigimos, e que farão conjecturar facilmente as perguntas.

1º – O fato passou-se em Mulhouse, não em meu quarto, mas naquele onde eu me exercitava mais ordinariamente, situado numa casa vizinha, em companhia de dois amigos, um dos quais tocava flauta, e o outro violino; era este último que me dava lições. O fato não se produziu em nenhum outro endereço.

2º – Era necessário que eu tocasse; e se, por vezes, eu parava muito tempo, vários sons e algumas vezes diversos acordes eram ouvidos como para me convidar a continuar. Entretanto, no dia em que esta música se produziu, acompanhando um órgão da Barbária, eu não estava tocando;

3º – Essa música tinha um caráter bastante acentuado para poder ser notada; não tive a idéia de a tocar;

4º – Ela parecia vir de um ponto bem determinado, mas que mudava constantemente no quarto; fixava-se durante alguns instantes, de sorte que se podia apontar com o dedo o lugar de onde provinha; mas quando nesse lugar se procurava descobrir o segredo, logo ela mudava de lugar e se fixava alhures, ou se fazia ouvir em diferentes lugares;

5º – Esse efeito durou cerca de três meses, desde fevereiro de 1862. Eis como cessou:

Um dia, estávamos reunidos, meu patrão, um outro empregado e eu; falávamos de uma coisa e outra, quando meu patrão, sem rodeio, me fez esta pergunta: “Credes nos fantasmas?” – Não, respondi-lhe. Continuou a me interrogar e decidi contar-lhe o que se passava. Ele me escutava com muita admiração; quando

terminei, ele bateu-me no ombro, dizendo: “Falarão de vós.” Falou disto a um médico, que dizem muito sábio em Física, e que lhe explicou o fato, dizendo que eu era um *sensitivo*, um *magnetizado*. Meu patrão, procurando dar-se conta da coisa, veio um dia encontrar-me em meu quarto e mandou-me tocar. Obedeci e a música invisível se fez ouvir durante alguns segundos, muito distintamente para mim, vagamente para o patrão e os assistentes. O patrão aí se pôs de todas as maneiras, sem nada obter a mais.

No domingo seguinte voltei ao quarto; era aquele em que a música se fizera ouvir, acompanhando o órgão da Barbária, sem que eu tocasse. Foi a última vez; desde então nada de semelhante se produziu.

Observação – Antes de atribuir um fato à intervenção dos Espíritos, é preciso estudar cuidadosamente todas as suas circunstâncias. Aquele de que se trata tem todas as características de uma manifestação; é provável que tenha sido produzido por algum Espírito simpático ao jovem, com o fim de o conduzir às idéias espíritas e de chamar a atenção de outras pessoas para estas espécies de fenômenos. Mas, então, perguntarão, por que esse efeito não se produziu de maneira mais retumbante? Por que, sobretudo, cessou bruscamente? Os Espíritos não têm que prestar conta de todos os motivos que os levam a agir; mas é possível que tivessem julgado o que se passou suficiente para a impressão que queriam produzir. Aliás, a cessação do fenômeno no momento mesmo em que se desejava a sua continuação, deveria ter como resultado provar que a vontade do rapaz aí não entrava por nada, e que não havia charlatanice. Sendo ouvida pelas pessoas presentes, essa música excluía qualquer efeito da imaginação, bem como de uma história para divertir; além disso, o jovem, não tendo nenhuma noção do Espiritismo, não se pode supor que sofresse a influência de idéias preconcebidas; só após vários anos é que foi capaz de explicar o fenômeno. Inúmeras pessoas estão no mesmo caso; o

Espiritismo lhes traz à memória fatos perdidos de vista, que levavam à conta de alucinação e dos quais podem, doravante, dar-se conta. Os fenômenos espontâneos são o que se pode chamar de *Espiritismo experimental natural*.

O Espiritualismo e o Ideal na Arte e na Poesia dos Gregos

Por CHASSANG⁵⁶

Nosso número do mês de agosto contém a reprodução de um artigo muito notável, tirado do jornal *Droit*, sobre as funestas conseqüências do materialismo, do ponto de vista da legislação e da ordem social; o *Patrie* de 30 de julho de 1868 fazia a apreciação de uma obra sobre a influência do espiritualismo nas artes. Esses dois artigos são o corolário e complemento um do outro: no primeiro provam-se os perigos do materialismo para a sociedade, e no segundo demonstra-se a necessidade do espiritualismo, sem o qual as artes e a poesia ficam privadas de seu elemento vital.

Com efeito, o sublime da arte e da poesia é falar à alma, elevar o pensamento acima da matéria que nos oprime e da qual incessantemente aspiramos a sair; mas, para fazer vibrar as cordas da alma, é preciso ter uma alma que vibre em uníssono. Como aquele que não crê senão na matéria poderia inspirar-se e se tornar intérprete de pensamentos e sentimentos que estão fora da matéria? Seu ideal não sai do terra-a-terra, e é frio, porque nem fala ao coração nem ao espírito, mas somente aos sentidos materiais. O belo ideal não está no mundo material; deve-se, pois, buscá-lo no mundo espiritual, que é o da luz para os cegos; a impossibilidade de o atingir criou a escola realista, que não sai deste mundo, porque aí está todo o seu horizonte; estando o verdadeiro belo fora do

56 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Didier & Cia, 35, quai des Augustins.

alcance de certos artistas, declaram que o belo é feio. A fábula da raposa que tem o rabo cortado continua sempre uma verdade.

A época em que a fé religiosa era ardente e sincera é também aquela em que a arte religiosa produziu suas mais belas obras-primas; o artista se identifica com o seu assunto, porque o via com os olhos da alma e o compreendia; era o seu próprio pensamento que ele traduzia; mas à medida que a fé se foi, o gênio inspirador partiu com ela. Não é, pois, de admirar que se a arte religiosa está hoje em plena decadência, não é o talento que falta, mas o sentimento.

Dá-se o mesmo com o ideal em todas as coisas. As obras de arte não cativam senão quando fazem pensar. Pode-se admirar o talento plástico do artista, mas ele não pode suscitar um pensamento que não existe em si; pinta um mundo que não vê, não sente nem compreende; é por isso que às vezes cai no grotesco; sente-se que ele visa ao efeito e se esforçou por fazer algo novo torturando a forma: eis tudo.

Pode-se dizer outro tanto da música moderna; faz muito barulho, exige do executante uma grande agilidade dos dedos e da garganta, uma verdadeira deslocação; ela move as fibras do ouvido, mas não as do coração. Esta tendência da arte para a materialidade perverteu o gosto do público, cuja delicadeza do senso moral se acha embotada.⁵⁷

A obra do Sr. Chassang é a aplicação dessas idéias à arte em geral, e à arte grega em particular. Reproduzimos com prazer o que dela diz o autor da crítica do *Patrie*, porque é uma prova a mais da enérgica reação que se opera em favor das idéias espiritualistas e que, como dissemos, toda defesa do espiritualismo *racional* rasga a via do Espiritismo, que é o seu desenvolvimento, combatendo os seus mais tenazes adversários: o materialismo e o fanatismo.

57 Ver a *Revista* de dezembro de 1860 e janeiro de 1861: *A arte pagã, a arte cristã e a arte espírita*.

O Sr. Chassang é o autor da história de *Apolônio de Tiana*, à qual nos referimos na *Revista* de outubro de 1862.

“Esse livro, de um caráter todo especial, não foi feito por ocasião dos recentes debates sobre o materialismo e, sem sombra de dúvida, é independentemente da vontade do autor que as circunstâncias lhe vieram dar uma espécie de atualidade. Ao escrevê-lo o Sr. Chassang não pretendia fazer obra de metafísico, mas de simples literato. Todavia, como as grandes questões de metafísica estão eternamente na ordem do dia, e toda obra literária verdadeiramente digna desse nome supõe sempre um princípio filosófico, esse livro, de inspiração espiritualista muito marcante, se acha em correlação com as preocupações do momento.

“O Sr. Chassang deixa a outros a refutação do materialismo do ponto de vista filosófico puro. Sua tese é inteiramente estética. O que ele pretende provar é que a literatura e a arte não estão menos interessadas que a vida moral no triunfo das doutrinas espiritualistas. *Assim como o materialismo despoetiza a vida e se dá ao cruel prazer de desencantar o homem, tirando-lhe toda esperança*, toda consolação em meio dos males que o cercam, do mesmo modo subtrai impiedosamente da literatura e da arte o que chama as ilusões e as mentiras, e, sob pretexto de verdade, proclama o realismo, fazendo que os artistas e escritores não expressem senão o que é.

“As doutrinas espiritualistas, ao contrário, abrem em todos os sentidos a vida às nobres aspirações; entretêm o homem com o futuro e a imortalidade; dizem ao poeta e ao artista que há um belo ideal, do qual as mais belas criações humanas não passam de pálidos reflexos, e sobre o qual deve sempre fixar os olhos quem quer que queira seduzir os seus contemporâneos e viver para a posteridade.

“Depois de ter, na sua introdução, desenvolvido este dado do ponto de vista geral, o Sr. Chassang procura a sua prova na mais bela das literaturas e na maior das artes que têm excitado a admiração dos homens: na literatura e na arte dos antigos gregos. Para semelhante demonstração, uma ordem rigorosa e didática é antes para fugir do que para rebuscar; assim, depois da introdução que expõe os princípios, vêm não capítulos estreitamente unidos e metodicamente relacionados, mas estudos isolados que, todos, se ligam ao mesmo assunto, inspiram-se no mesmo sentimento e convergem para o mesmo objetivo. Assim, o livro tem, ao mesmo tempo, unidade no conjunto e variedade nas partes.

“É, antes de tudo, um tratado sobre o que o autor chama com propriedade o *espiritualismo popular* entre os Antigos, isto é, as crenças dos gregos e dos romanos sobre o destino das almas após a morte. Mostra que, se entre essas crenças há erros evidentes, não obstante esses erros repousam todos na esperança de uma outra vida. O culto dos mortos não contém, com efeito, implicitamente uma profissão de fé espiritualista? A última vitória do materialismo seria de o suprimir, e seus adeptos deveriam logicamente chegar a isso; do contrário, para que serviria levantar a pedra do túmulo? para que, sobretudo, cercar o túmulo de respeito, se nada há lá dentro? Assim fala o Sr. Chassang.”

Octave Sachot

Instruções dos Espíritos

REGENERAÇÃO DOS POVOS DO ORIENTE

Recebemos da Síria uma carta muito interessante sobre o estado moral dos povos do Oriente e os meios de cooperar em sua regeneração. A especialidade dessa carta não nos permite publicá-la em nossa Revista; diremos apenas que nosso honrado

correspondente, iniciado nos conhecimentos dos povos da Europa, encara a questão como profundo filósofo, como homem desprendido de todo preconceito de seita, que conhece o terreno e não se ilude quanto às dificuldades apresentadas por semelhante assunto.

Ele vê no Espiritismo, que estudou seriamente, uma potente alavanca para combater os preconceitos que se opõem à emancipação moral e intelectual de seus compatriotas, em razão das próprias idéias que constituem o fundo de suas crenças e às quais seria preciso dar uma direção mais racional. Visando concorrer a essa obra ou, pelo menos, assentar suas primeiras bases, ele concebeu um projeto que houve por bem submeter-nos, pedindo que solicitássemos também a opinião dos Espíritos bons.

A comunicação que nos foi dada a esse respeito é instrutiva para todo o mundo, sobretudo nas circunstâncias atuais, razão por que julgamos dever publicá-la. Ela contém uma sábia apreciação das coisas e conselhos que outros poderão aproveitar na ocasião, e que, os especializando, também encontram a sua aplicação na maneira mais proveitosa de propagar o Espiritismo.

(Paris, 18 de setembro de 1868)

Não só é o Oriente, é a Europa, é o mundo inteiro que uma surda fermentação agita e que a menor casa pode transformar em conflagração universal, quando chegar o momento. Como diz com razão o Sr. X..., é sobre ruínas que edificaram coisas novas, e antes que a grande renovação seja um fato realizado, os trabalhos humanos e a intervenção dos elementos devem acabar de varrer do solo do pensamento os erros do passado. Tudo concorre para essa obra imensa; a hora da ação aproxima-se rapidamente e deve-se encorajar todas as inteligências que se preparam para a luta. A Humanidade deixa suas fraldas para cingir a veste viril; sacode o jugo secular; o momento não poderia ser mais propício. Mas não se

pode dissimular que a tarefa é rude e que mais de um artífice será esmagado pela máquina que tiver posto em movimento, por não ter sabido descobrir o freio capaz de dominar o ímpeto da Humanidade muito bruscamente emancipada.

Ter a razão, a verdade por si, trabalhar visando ao bem geral, sacrificar seu bem-estar particular ao interesse de todos é bom, mas não é suficiente. Não se pode dar de um golpe todas as liberdades a um escravo modelado pelos séculos a um jugo severo. Só gradualmente e medindo a extensão dos limites aos progressos inteligentes e sobretudo morais da Humanidade, é que a regeneração poderá realizar-se. A tempestade que dissipa os miasmas deletérios de que uma região está infectada, é um cataclismo benéfico; mas aquela que rompe todos os diques e que, não obedecendo a nenhum freio, tudo põe em desordem à sua passagem, é deplorável e sem qualquer conseqüência útil. Aumenta as dificuldades, em vez de contribuir para o seu desaparecimento.

Todos os que desejam concorrer utilmente ao trabalho regenerador devem, pois, antes de tudo, preocupar-se com a natureza dos elementos sobre os quais lhes é possível agir, e combinar suas ações em razão do caráter, dos costumes, das crenças daqueles a quem querem transformar. Assim, no Oriente, para atingir o objetivo que perseguem na América e na Europa ocidental todos os espíritos de escol, é preciso seguir uma marcha idêntica quanto ao conjunto, mas essencialmente diferente nos detalhes, isto é, semeando a instrução, desenvolvendo a moralidade, combatendo os abusos consagrados pelo tempo, chegar-se-á a um mesmo resultado, em qualquer parte onde se atue, mas a escolha dos meios, sobretudo, deverá ser determinada pelo gênio particular daqueles a quem se dirigirem.

O espírito de reforma sopra em toda a Ásia; deixou na Síria, na Pérsia, em todos os países circunvizinhos destroços

sangrentos; a idéia nova aí germinou, regada pelo sangue dos mártires; é preciso aproveitar o impulso dado às inteligências, mas evitar recair nos erros que provocaram essas perseguições. *Não se instrui o homem batendo de frente os seus preconceitos, mas os trabalhando, modificando o mobiliário de seu espírito de maneira tão graduada que ele chegue, por si mesmo, a renunciar aos erros pelos quais pouco antes teria sacrificado a vida.* Não se lhe deve dizer: “Isto é mau, aquilo é bom”, mas levá-lo, pelo ensino literário e pelo exemplo, a apreciar cada coisa em seu verdadeiro aspecto. Não se impõe a um povo idéias novas; para que ele as aceite sem perturbação lamentável, é preciso habituá-lo pouco a pouco, fazendo reconhecer suas vantagens e não as estabelecer como princípio senão quando se está certo de que terão em seu favor uma imponente maioria.

Há muito a fazer no Oriente, mas, sozinha, a ação do homem seria impotente para operar uma transformação radical. Os acontecimentos em que tocamos contribuirão por uma parte para essa transformação. Eles habituarão os orientais a um novo gênero de existência; saporão pela base os preconceitos que presidem à legislação da família. Somente depois disto é que o ensinamento lhes virá desferir o último golpe.

Aplaudimos com todas as nossas forças a obra do Sr. X..., o espírito no qual ela é concebida; nós lhe prometemos, além disso, nossa assistência, e o aconselhamos a recorrer a nós, todas as vezes que encontrar algumas dificuldades embaraçosas. Que se apresse em pôr-se à obra; os acontecimentos vão depressa e é difícil que o trabalho esteja terminado quando chegar o momento propício! Que não perca tempo e que conte com o nosso concurso, que lhe é concedido como a todos os que perseguem com desinteresse a realização dos desígnios providenciais.

Clélie Duplantier

A MELHOR PROPAGANDA

(Sociedade de Paris, 23 de outubro de 1868 – Médium: Sr. Nivard)

Se há poucos médiuns esta noite, não é que faltem Espíritos; ao contrário, eles são muito numerosos. Uns são habituais, que vêm instruir-vos ou instruir-se, outros, em grande número, são recém-vindos para vós. Vieram sem carta de entrada, é verdade, mas com o consentimento e o convite dos Espíritos habituais. Muitos desses Espíritos sentem-se felizes por assistir à sessão e o são sobretudo por ver aqui vários espíritas, que eles amam e dirigem, e que tiveram o pensamento de vir entre vós.

Há muitos espíritas no mundo, mas seu grau de instrução sobre a Doutrina está longe de ser suficiente para que se classifiquem entre os espíritas esclarecidos. Sem dúvida têm luzes, mas lhes falta a prática, ou, se praticam, necessitam ser assistidos, a fim de trazer, nos esforços que tentam, mais persuasão e menos entusiasmo. Quando falo de prática do Espiritismo, quero dizer a parte que concerne à propaganda. Pois bem! para essa parte, mais difícil do que se pensa, é preciso, para a exercer com eficácia, estar bem penetrado da filosofia do Espiritismo e também de sua parte moral. A parte moral é fácil de conhecer; para isto exige pouco esforço; em compensação, é a mais difícil de praticar, porque só o exemplo pode fazer bem compreendê-la. Fareis melhor compreender a virtude dando exemplo do que a definindo. Ser virtuoso é fazer compreender e amar a virtude. Nada há a responder àquele que faz o que aconselha os outros a fazer. Assim, para a parte moral do Espiritismo, nenhuma dificuldade na teoria, muita na prática.

A parte filosófica apresenta mais dificuldades para ser compreendida e, por conseguinte, requer mais esforços. Os adeptos que procuram ser militantes, devem pôr-se à obra para bem conhecê-la, pois é a arma com a qual combaterão com mais sucesso. É útil que não se extasiem com os fenômenos materiais e

que dêem a sua explicação sem muito desenvolvimento. Devem reservar esses desenvolvimentos para a análise dos fatos de ordem inteligente, sem, contudo, dizer muito, pois não se deve fatigar o espírito das pessoas noviças no Espiritismo. Explicações concisas, exemplos bem escolhidos, adaptando-se bem à questão que se discute, eis tudo o que é preciso. Mas, repito, para ser conciso, não se deve saber menos; para dar exemplos ou explicações bem apropriados ao assunto é necessário conhecer a fundo a filosofia do Espiritismo. Esta filosofia está resumida em *O Livro dos Espíritos*, e o lado prático em *O Livro dos Médiuns*. Se conhecerdes bem a substância dessas duas obras, que são obra dos Espíritos, certamente tereis a felicidade de trazer muitos dos vossos irmãos a essa crença tão consoladora, e muitos dos que crêem serão postos no verdadeiro terreno: o do amor e da caridade.

Assim, pois, meus amigos, aqueles dentre vós que desejarem, e todos devem desejar, fazer seus irmãos partilharem de suas crenças, que os querem chamar ao banquete de consolação que o Espiritismo oferece a todos os seus filhos, devem moralmente praticar o Espiritismo praticando a sua moral, e intelectualmente espalhando em seu redor as luzes que colheram ou que colherão nas comunicações dos Espíritos.

Tudo isto é fácil, basta querer. Pois bem! meus caros amigos, em nome de vossa felicidade, de vossa tranqüilidade, em nome da união e da caridade, eu vos exorto a querer.

Um Espírito

O VERDADEIRO RECOLHIMENTO

(Sociedade de Paris, 16 de outubro de 1868 – Médiun: Sr. Bertrand)

Se pudésseis ver o recolhimento dos Espíritos de todas as ordens que assistem às vossas sessões, durante a leitura de vossas preces, não só ficaríeis tocados, mas envergonhados de ver que o

vosso recolhimento, que apenas qualifico de silêncio, está bem longe de aproximar-se do dos Espíritos, um bom número dos quais vos são inferiores. O que chamais vos recolherdes durante a leitura de vossas belas preces, é observar um silêncio que ninguém perturba; mas se os vossos lábios não se mexem, se o vosso corpo está imóvel, vosso Espírito vagueia e deixa de lado as sublimes palavras que deveríeis pronunciar do mais profundo do vosso coração, a elas vos assimilando pelo pensamento.

Vossa matéria observa o silêncio; certamente, dizer o contrário, seria vos injuriar; mas o vosso Espírito tagarela não o observa e perturba, neste instante, por vossos pensamentos diversos, o recolhimento dos Espíritos que vos rodeiam. Ah! se os vísseis prosternados diante do Eterno, pedindo a realização de cada uma das palavras que ledes, vossa alma ficaria comovida e, lamentando sua pouca atenção passada, faria um exame de consciência e pediria a Deus, de todo coração, a realização dessas mesmas palavras, que apenas pronunciava com os lábios. Pediríeis aos Espíritos que vos tornasse *dóceis aos seus conselhos*; e eu, Espírito que vos falo, após a leitura de vossas preces, e das palavras que acabo de repetir, poderia assinalar mais de um que daqui sairá muito pouco dócil aos conselhos que acabo de dar e com sentimentos muito pouco caridosos para com o próximo.

Talvez eu seja um pouco duro; mas creio não o ser senão para os que o merecem, e cujos mais secretos pensamentos não podem ser ocultos aos Espíritos. Assim, só me dirijo aos que aqui vêm pensando em qualquer outra coisa senão nas lições que aqui devem buscar e nos sentimentos que aqui devem trazer. Mas os que oram do fundo da alma orarão também, após a leitura de minha comunicação, por aqueles que vêm aqui e daqui partem sem terem orado.

Seja como for, peço aos que tiverem a bondade de me escutar, que continuem a pôr em prática os ensinamentos e os

conselhos dos Espíritos; a isto vos convido no seu interesse, pois não sabem tudo o que podem perder não o fazendo.

De Courson

Bibliografia

O ESPIRITISMO NA BÍBLIA

(Ensaio sobre a psicologia dos antigos hebreus)

Por Henri Stecki⁵⁸

Sabe-se que a Bíblia contém uma porção de passagens em relação com os princípios do Espiritismo. Mas como as encontrar nesse labirinto? Seria preciso fazer desse livro uma leitura atenta, o que poucas pessoas têm tempo e paciência para o fazer. Em algumas, mesmo, sobretudo em razão da linguagem o mais das vezes figurada, a idéia espírita não aparece de maneira clara senão após reflexão.

O autor deste livro fez da Bíblia um estudo aprofundado, e só o conhecimento que tem do Espiritismo lhe deu a chave de coisas que antes lhe pareciam inexplicáveis ou ininteligíveis. Foi assim que pôde informar-se com certeza sobre as idéias psicológicas dos antigos hebreus, ponto sobre o qual os comentadores não estavam de acordo. Devemos, pois, ser-lhe grato por ter trazido essas passagens à luz, num resumo sucinto e por ter, assim, poupado o leitor de pesquisas longas e fastidiosas. Às citações ele acrescenta comentários necessários à compreensão do texto, e que nele revelam o espírita esclarecido, mas não fanático de suas idéias, vendo o Espiritismo em tudo.

58 Um pequeno volume in-12; preço: 1 fr.; pelo correio: 1 fr. 25 c. Srs. Lacroix & Cia, Livraria Internacional, 15, boulevard Montmartre, Paris; e nos escritórios da *Revista Espírita*.

O nome do autor indica que não é francês; diz no prefácio que é polonês e explica em que circunstâncias foi levado ao Espiritismo, e aos socorros morais que hauriu nessa doutrina. Embora estrangeiro, escreve o francês, como aliás a maioria dos povos do Norte, principalmente os poloneses e os russos, com perfeita pureza. Seu livro é escrito com clareza, o que é um grande mérito em matérias filosóficas, pois nada é menos apropriado à vulgarização das idéias que um autor quer propagar, do que esses livros cuja leitura fatiga a ponto de provocar dor de cabeça, e cujas proposições são uma série de enigmas indecifráveis para o comum dos leitores.

Em resumo, o Sr. Stecki fez um livro útil, razão por que todos os espíritas lhe serão agradecidos.

Agradecemos pessoalmente a graciosa epístola dedicatória que ele houve por bem colocar no frontispício de sua obra.

O ESPIRITISMO EM LYON

Esse jornal, que aparece desde o dia 15 de fevereiro, e do qual falamos várias vezes, prossegue a sua rota com sucesso, graças ao zelo e à dedicação de seus diretores. Sua obra é tanto mais meritória quanto, novíços no que concerne à manutenção de um jornal, tiveram de lutar contra as dificuldades da inexperiência. Mas é forjando que se faz o ferreiro, e por isso seguimos com vivo interesse os progressos desse jornal, que ganhou consideravelmente, desde a sua origem, pela forma e pelo fundo. Nós o cumprimentamos pelo espírito de tolerância e de moderação, de que fez uma lei, pois se não é uma das qualidades sem as quais não se poderia dizer verdadeiramente espírita, é uma consequência da máxima que toma por divisa: *Fora da caridade não há salvação*. Assim, fazemos votos sinceros por sua prosperidade. O último número, o de 15 de outubro, contém vários artigos muito

interessantes, sobre os quais chamamos a atenção dos nossos leitores.

DESTINOS DA ALMA

Com considerações proféticas para reconhecer o tempo presente e os sinais da aproximação dos últimos dias. Nova edição, precedida de um apelo aos católicos de boa-fé e ao futuro concílio. Por A. d'Orient.⁵⁹

Nesta obra, de importância capital, o autor se apóia na pluralidade das existências, como a teoria mais racional, sobre o progresso indefinido da alma pelo trabalho realizado nas existências sucessivas, a responsabilidade de cada um conforme as suas obras, a não-eternidade absoluta das penas, o corpo fluídico, etc., numa palavra, sobre os princípios que constituem a base do Espiritismo. E, contudo, foi publicada em 1845, nova prova do movimento que já se operava neste sentido, mesmo antes do aparecimento da Doutrina Espírita, que veio sancionar pelos fatos e coordenar essas idéias esparsas. O autor se lisonjeava de a isto ligar o clero, respeitando os dogmas católicos, mas os interpretando de maneira mais lógica; sua esperança não foi concretizada, porque o seu livro foi posto no Index. Limitamo-nos a anunciá-lo, reservando-nos para lhe consagrar um artigo especial, quando tivermos tido tempo de o examinar a fundo.

Esperando, citaremos o parágrafo seguinte da introdução, que explica o objetivo a que se propôs o autor.

“Ressurreição dos corpos, presciência de Deus, vidas sucessivas ou purgatório das almas, tais são as três questões, onde tudo se liga no que respeita aos destinos de nossa alma, que nos propomos apresentar, sob novos aspectos, à meditação dos católicos e de todos os homens que gostam de refletir sobre si

59 Um grosso vol., grande in-8. Preço: 7 fr. 50. Didier & Cia, 35, quai des Augustins, e Ad. Lainé, rue des Saints-Pères.

mesmos. O que temos a dizer não toca nas verdades essenciais, que a todo gênero humano importa conhecer e crer com inteira certeza: essas verdades, que são do domínio da fé, são tão completas e asseguradas quanto é necessário que o sejam, e não temos a pretensão de a elas nada ajuntar de nós mesmo. Não queremos senão propor humanamente, sobre essas matérias, teorias humanas, que é permitido ignorar ou não crer sem prejuízo para a sua alma. E todos os nossos esforços só têm por fim aclarar o facho da ciência dos fatos obscuros, onde faltam as luzes da revelação, e que a fé não definiu completamente.”

Aviso

Aos senhores assinantes que não quiserem sofrer atraso no recebimento da *Revista*, pedimos que renovem suas assinaturas antes de 31 de dezembro.

Allan Kardec